

DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

- Alice Joko • Rita de Cássia Soares
- Vera Augusto • Yuko Takano

lters Student Center
Académie des Lettres
Cion Estudiantil de Letras
to Acadêmico de Letras
文学 學術
センター



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos



DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

Alice Tamie Joko

Rita de Cássia da Silva Soares

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto

Yuko Takano



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Coordenadora de produção editorial

Revisão

Diagramação

Foto de capa

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Alice Tamie Joko, Rita de Cássia Soares,
Vera Lúcia Augusto e Yuko Takano

Laissa Reis

René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada ou
reproduzida por qualquer meio sem a autorização
por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

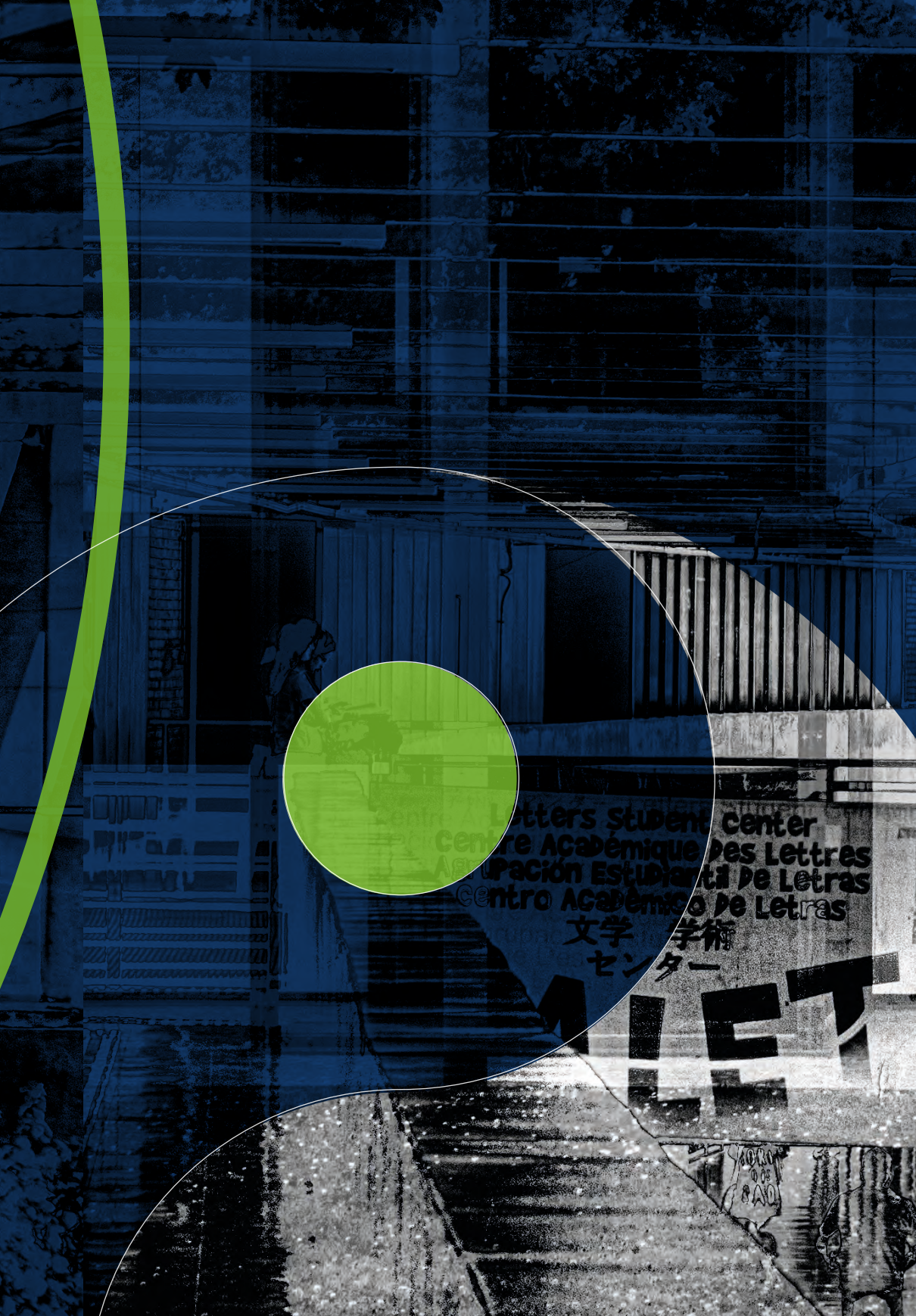
D536

Diálogo linguístico : Ocidente e Oriente / organizadoras, Alice
Tamie Joko ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de
Brasília, 2021.
368 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-143-2

1. Sociogeolinguística. 2. Língua japonesa - Estudo e ensino.
3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. I. Joko, Alice Tamie
(org.). II. Série.

CDU 81'28



Lettres Student Center
Centre Académique des Lettres
Asociación Estudiantil de Letras
Centro Académico de Letras
文学 学術
センター

1151

SOCIÉTÉ
D'ÉTUDES
DE LA
SAO

SUMÁRIO

Apresentação _____ 11

PARTE I - OCIDENTE

**Mapeamento geossociolinguístico da vogal média posterior
pretônica /o/ no Estado de Rondônia** _____ 25

Abdelhak Razky (UnB)
Diego Coimbra (UFPA)

**Contribuições da sociogeolinguística para o ensino de língua
portuguesa: propostas de intervenção para a educação básica** _53

Adriana Cristina Cristianini (UFU)



Crenças e atitudes: vencendo o preconceito e construindo empatia linguística_____73

Clézio Roberto GONÇALVES (UFOP/CNPq)
Josane Moreira de OLIVEIRA (UEFS/UFBA)

Amuleto, figa, patuá...: um estudo de sociogeolinguística_____95

Irenilde Pereira dos Santos (USP)

Tagarela, falador e papagaio: linguagem e interação nas variações do português_____115

Rita de Cássia da Silva Soares (USP e FAG)

Escolhas lexicais e ensino de línguas: anseios e possibilidades____139

Selma Sueli Santos Guimarães (UFU)

Um estudo geolinguístico no Estado de Goiás_____161

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto (UNICALDAS e IFMT)

PARTE II - ORIENTE

O uso de línguas pela primeira geração de imigrantes okinawanos na Casa Verde em São Paulo e as suas questões linguísticas_____179

Eduardo Nakama (UnB)
Yûki Mukai (UnB)

Uma nova abordagem de ensino do curso de japonês no Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Sobradinho – CILSOB – percepções de um professor sobre o processo_____219

Geanne Alves de Abreu Morato (SEEDF)
Hélder Gomes Rodrigues (SEEDF)

(Im)polidez, saudações e formas de tratamento: dificuldades de aprendizagens de português LE_____261

Kazue Saito M. Barros (UFPE/CNPq)
Alice Tamie Joko (UnB)
Ricardo Rios Barreto Filho (UFPE)

TCC do Curso de Licenciatura em Japonês: um olhar no passado e reflexões_____283

Kyoko Sekino (UnB)

O nordeste asiático como área de convergência linguística: a língua japonesa em seu contexto regional_____315

Marcus Tanaka de Lira (LET/UnB)

Diálogos possíveis: áreas que se convergem para os estudos do falar nipo-brasiliense_____337

Yuko Takano (UnB)

Posfácio_____361

Os Autores_____363



PARTE I - OCIDENTE





CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOGEOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Adriana Cristina Cristianini (UFU)

[...] as palavras nascem, mudam de rosto, envelhecem e morrem. É importante saber onde nasceu cada uma delas, conhecer-lhe os parentes e saber do namoro que a fez nascer. Entender a origem e a história das palavras faz-nos ser mais donos de um idioma que é nosso e que não apenas dá voz ao pensamento como já é o próprio pensamento. Ao sermos donos das palavras somos mais donos da nossa existência.

Mia Couto

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao iniciar qualquer discussão que envolva Linguística e ensino é impossível não destacar que a língua está intrinsecamente relacionada a diversas questões, principalmente a histórica, a social e a cultural do povo que a fala. Os sujeitos manifestam, por meio da língua, que é o principal elemento de interação social, seus conhecimentos, crenças, costumes, ideologias etc. Nessa interação é que os sentidos se constituem e, assim, evidenciam a identidade dos sujeitos, sempre situados num determinado tempo, num dado espaço, e pertencentes a um grupo.

No Brasil, há de se considerar que, desde o que a história registra sobre sua dita colonização, ocorreu um feroz processo exploratório, o qual, justificado nas dimensões continentais do nosso país, apresentou aspectos regionais distintos e isso, de certa maneira, é responsável pelos grandes contrastes que nos devastam até hoje.

Para Holanda (1995, p. 31),

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.

Apesar de existir certa insistência histórica em manter um marco zero no povoamento brasileiro com a chegada dos portugueses, os povos indígenas imprimiram fortes marcas nos dialetos registrados em todo Brasil. Além disso, a triste realidade escravocrata pela qual passamos e o grande processo migratório também são responsáveis pelas características do português brasileiro que verificamos atualmente.

Para Mariani (2020, p.75),

[...] o português que se passou a falar aqui traz uma memória europeia, mas historiciza-se na colônia de modo específico em função do contato com as demais línguas europeias, indígenas e africanas. Mas essa especificidade ocorre, sobretudo, em função da própria formação histórico-social e posterior transformação política da colônia em nação independente.

Diante disso, as diversidades étnicas e sócio-econômico-culturais que surgiram pelas influências indígenas, europeias, africanas e asiáticas confirmam a pluralidade tão característica em nosso país e que é retratada na fala de nosso povo. Não é difícil concluir, então, que a miscigenação ocorrida aqui não foi apenas étnica, mas também cultural e linguística.

A mobilidade populacional no Brasil também é responsável por um intercâmbio de informações que possibilita, de certo modo, que vários grupos interajam, permitindo que suas culturas trafeguem por meio das pessoas.

Esses itens elencados até aqui já são suficientemente provocadores para gerar uma discussão bastante profícua, mas, tal qual a língua, que é mutável e dinâmica, nossa era passa por grandes transformações.

O processo de globalização pelo qual temos passado, a popularização dos meios eletrônicos e das tecnologias digitais de informação e comunicação – TDIC, em especial por meio de internet, a velocidade com que se tem implementado a comunicação em tempo real e as bases de dados, músicas e vídeos disponíveis à população, entre outros, têm trazido e ainda trarão influências marcantes na língua que cada comunidade fala.

É evidente, portanto, que a pesquisa sociogeolinguística, bem como as pesquisas relacionadas à Dialetoлогия, Sociolinguística, Geolinguística, Dialetoметрия, e outras, são necessárias e urgentes, quer para registrar os falares das comunidades linguísticas, quer para indicar caminhos para o ensino de língua, que exigirá atenção cada vez maior no que se refere às normas linguísticas e à adequação necessária no convívio social.

2. O PROJETO “VARIÇÃO LEXICAL E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ESTUDOS COM VISTAS À CONTRIBUIÇÃO PARA A PRÁTICA DOCENTE”

Desenvolvido no período entre 2014 e 2020, o projeto “Contribuições para a prática docente: a perspectiva interdisciplinar para o estudo de variação linguística” (CRISTIANINI, 2014), partiu da reflexão de que, por meio de estudos sociolinguísticos, geolinguísticos, sociogeolinguísticos, entre outros, de maneira sistemática, é possível conhecer com maior exatidão, descrever e mensurar a atuação dos fenômenos linguísticos relacionados a fatores sociais, culturais, históricos, políticos, regionais, espirituais e outros.

Esses estudos apresentam uma quantidade considerável de dados linguísticos que possibilitam um número enorme de eventuais análises linguísticas. Além disso, essas pesquisas propiciam condições para que professores atendam parte das diretrizes que são determinadas pelos documentos oficiais no que tange ao conhecimento e ao respeito à pluralidade cultural e linguística, tão evidentes em nossa nação. Entretanto, muito do que é(era) pesquisado, arduamente, não ultrapassa(va) os “muros” das universidades e, portanto, deixa(va) de contribuir como poderia (e deveria) para novos encaminhamentos a respeito da relação entre esses estudos e a contribuição deles para o ensino.

Diversos documentos oficiais que orientam Educação Básica no Brasil e traçam as diretrizes para ensino de Língua Portuguesa/Linguagens ressaltam a importância de contemplarmos, em sala de aula, questões relacionadas à pluralidade, à diversidade, em diferentes aspectos.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013, p.25):

A educação destina-se a múltiplos sujeitos e tem como objetivo a troca de saberes, a socialização e o confronto do conhecimento, segundo diferentes abordagens, exercidas por pessoas de diferentes condições físicas, sensoriais, intelectuais e emocionais,

classes sociais, crenças, etnias, gêneros, origens, contextos socioculturais, e da cidade, do campo e de aldeias. Por isso, é preciso fazer da escola a instituição acolhedora, inclusiva, pois essa é uma opção “transgressora”, porque rompe com a ilusão da homogeneidade e provoca, quase sempre, uma espécie de crise de identidade institucional.

Partindo desse apontamento, no que se refere à língua utilizada por uma comunidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL,1998), reforçam a existência da variação constitutiva da Língua Portuguesa em todos os níveis e recomendam que o ensino dessa língua, privilegie o maior número possível de variedades, possibilitando, ao educando, um maior conhecimento e domínio da língua, não se atendo única e exclusivamente à “norma-padrão”.

Com o objetivo geral de propiciar condições ao desenvolvimento de propostas relacionadas ao estudo e ao ensino de Língua Portuguesa, o projeto buscou especificamente, entre outros: contribuir para o entendimento de língua no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica; oferecer aos estudiosos da língua, aos pesquisadores de áreas afins e aos pedagogos subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal da língua no Brasil; elaborar atividades e/ou sequências didáticas, cadernos pedagógicos, vídeos didáticos, livros e/ou e-books didático, programas (softwares) didático, entre outros produtos.

Pela necessidade de um recorte para estudo da língua, priorizamos o estudo do aspecto semântico-lexical da língua. De acordo com Cristianini (2016, p.148),

A opção de focar o aspecto lexical e relacioná-lo à variação deve-se ao fato de ser primeiramente no léxico de uma língua que encontramos o repositório do saber linguístico de uma comunidade, a configuração da realidade extralinguística e a representação da imagem vista pelo sujeito do mundo que o abriga. Os estudos do léxico, portanto, buscam, entre outros fins, estabelecer, organizar e veicular os signos

na relação do homem com o mundo que o rodeia, e assim, poder instrumentalizar um maior e melhor conhecimento da língua falada, além de propiciar o reconhecimento das diferenças culturais que compõem as realidades de um mesmo país.

3. DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

Na busca de atingir os objetivos, projetos de mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras foram vinculadas ao estudo (além de um trabalho de iniciação científica e parte de uma dissertação de mestrado acadêmico).

Cada um desses projetos subsumidos apresentaram objetivos principais e específicos que, de alguma maneira dialogavam com a temática discutida no projeto gerador.

Essas propostas apresentaram motivações, justificativas, hipóteses e metodologias coerentes com cada estudo. As pesquisas desenvolvidas resultaram na elaboração de treze dissertações de mestrado com respectivos produtos gerados a partir dos trabalhos.

Neste momento, cabe destacar dois desses estudos e seus resultados.

4. VARIAÇÃO DIATÓPICA DE ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O trabalho de Caixêta (2015), “Variação diatópica de aspecto semântico-lexical e ensino de Língua Portuguesa”, com o objetivo de realizar uma proposta de intervenção voltada para o ensino da variação semântico-lexical, com foco na variação diatópica, nas aulas de Língua Portuguesa, contou com a aplicação de dez oficinas pedagógicas a uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental, composta por 38 alunos, pertencente a uma escola da rede pública de ensino de Lagamar – MG. A fundamentação teórica para as discussões bem como para a elaboração

das atividades de intervenção pautou-se por pesquisadores ligados às temáticas supramencionadas, tais como: Barbosa (1978; 1990; 1997); Cançado (2013); Coseriu (1979; 1982); Bagno (2003; 2007; 2013); Faraco (2008; 2012); Preti (2003); Labov (2008); dentre outros.

Em uma das oficinas, de modo a ilustrar parte do trabalho, foram desenvolvidas atividades partindo da observação de itens lexicais registrados no *Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG* (ZÁGARI et al., 1977), no *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil – ALERS* (ALTENHOFEN e KLASSMANN, 2011) e no *Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC – ASL_ABC* (CRISTIANINI, 2007).

Após estudo de diversos cartogramas, por meio de questões utilizadas para a coleta de dados do ASL_ABC, os alunos coletaram dados com seus familiares e responsáveis. Na sequência, fizeram o tratamento dos resultados e elaboraram tabelas, gráficos e cartogramas que ilustraram a “norma linguística encontrada na sala de aula”.

A seguir, verifica-se uma tabela elaborada por sujeitos da pesquisa com a figura 1:

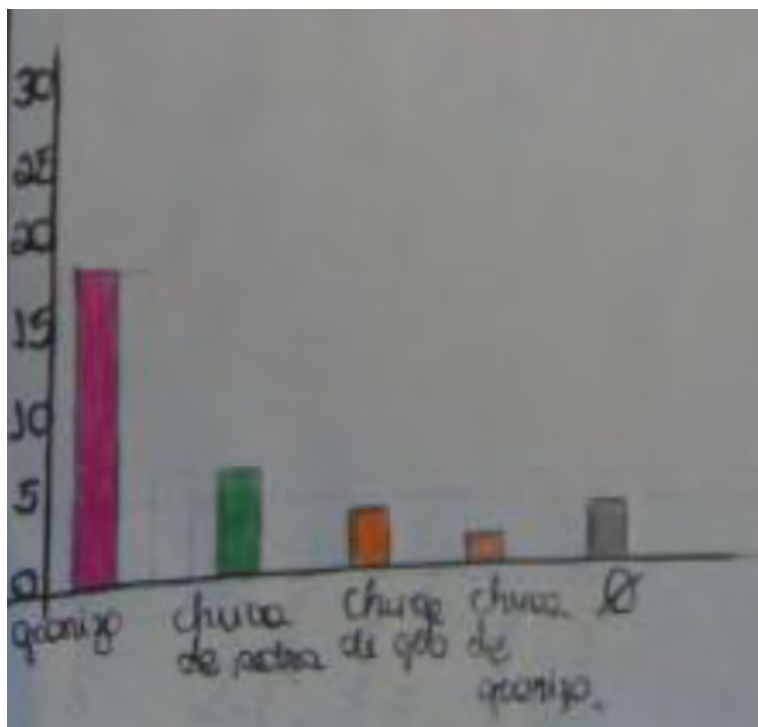
Figura 1: Tabela elaborada por sujeito da pesquisa

Item lexical	ocorrências	%
Quarizo	17	62,9%
Chuva de pedra	5	18,5%
Chuva de gelo	2	7,4%
Chuva de granizo	1	3,7%
∅	2	7,5%
5 itens lexicais a ∅		

Fonte: CAIXÊTA, 2015, p. 181

A figura 2, na sequência, apresenta um gráfico elaborado por sujeitos dessa pesquisa.

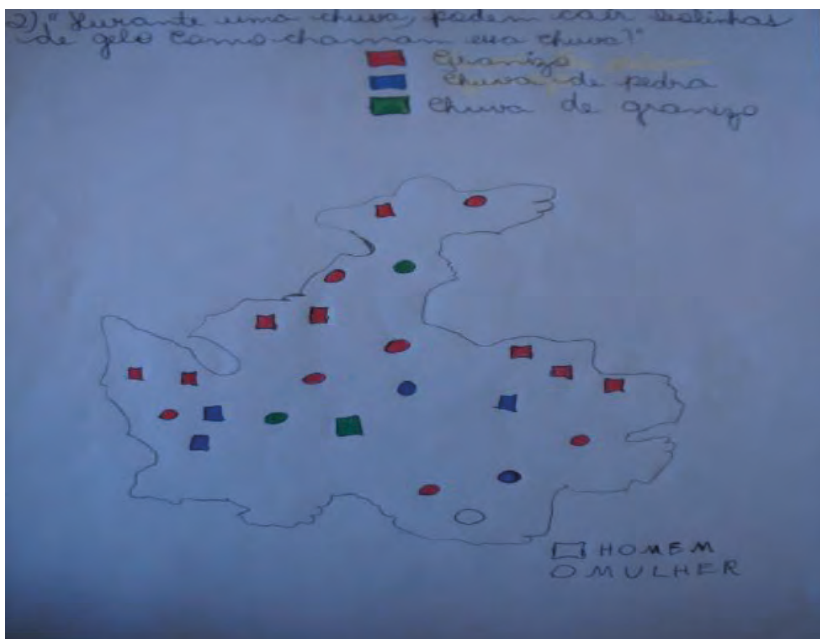
Figura 2: Gráfico elaborado por sujeito da pesquisa



Fonte: CAIXÊTA, 2015, p. 181

Os sujeitos também elaboraram cartogramas para registrar o levantamento que fizeram durante o desenvolvimento de seus estudos, conforme podemos observar na figura 3.

Figura 3: Cartograma: A norma linguística em Lagamar



Fonte: CAIXÊTA, 2015, p. 183

Segundo Caixêta e Cristianini (2018),

A opção pelo trabalho com esse material deu-se, especialmente, pela riqueza de dados que ele oferece e que podem ser bem aproveitados em sala de aula para trabalharmos com variação semântico-lexical. A sugestão final de nossa proposta é que os alunos assumam o papel de pesquisadores e construam cartogramas para registrar a variação semântico-lexical presente na região em que eles vivem.

Os dados obtidos a partir da aplicação das atividades demonstram que a pesquisa contribuiu para o desenvolvimento de uma postura crítico-reflexiva dos alunos em relação à língua.

Embora os dados obtidos com a pesquisa não sejam mensuráveis, as respostas dadas pelos alunos às atividades e suas manifestações em sala

de aula revelaram que eles passaram a conhecer vários aspectos relativos à variação semântico-lexical e que houve ampliação de seu acervo lexical.

Quanto ao preconceito linguístico, verificou-se que a noção de certo e errado era muito forte na concepção de língua que os alunos traziam consigo. Com o desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se, na fala de muitos alunos, que eles passaram a adotar uma postura na qual a ideia da diversidade linguística subjugou a noção de acerto e erro em língua. A partir dessas observações, foi possível afirmar que a temática abordada em sala de aula pôde contribuir para que os alunos reconhecessem a existência do preconceito linguístico e adquirissem uma visão da língua enquanto fenômeno marcado pelo caráter de heterogeneidade.

5. PROPOSTA DE ENSINO DE VARIAÇÃO DIATÓPICA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA CLASSE HOSPITALAR

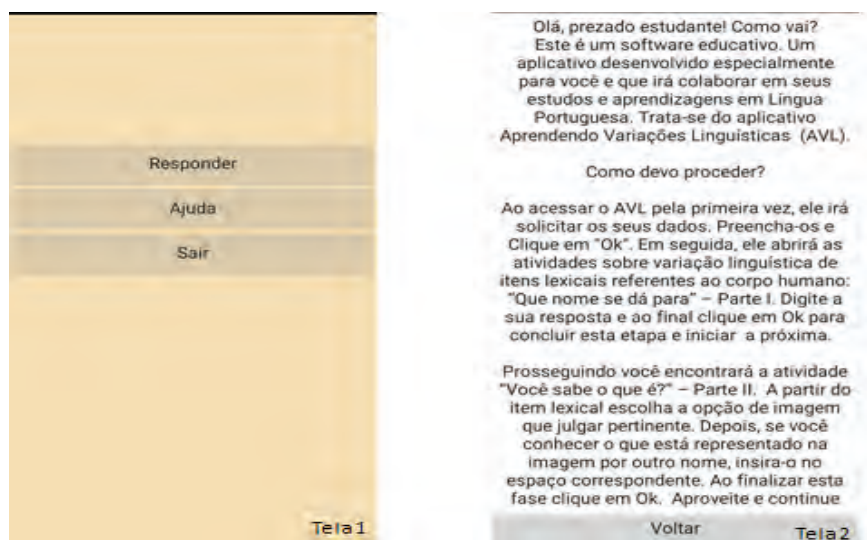
O estudo de Oliveira (2016), pautou-se no objetivo de desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica, utilizando um *software* educativo, intitulado “Aprendendo variação linguística – AVL”, voltado para o estudo da variação diatópica de itens lexicais referentes ao corpo humano nas aulas de Língua Portuguesa de duas classes hospitalares no município de Goiânia, GO. A fundamentação teórica contemplou obras que versam sobre classe hospitalar, léxico e variação linguística. Também foram estudados aspectos teóricos relacionados à elaboração de atividades pedagógicas e tecnológicas, com a finalidade de desenvolvimento de um protótipo de *software* educativo. Esse embasamento contou com a bibliografia de, entre outros, Albertoni (2014), Fernandes (2014), Barbosa (1978; 1990; 1997); Coseriu (1979; 1987); Bagno (2003; 2007; 2013); Faraco (2008; 2012); Preti (2003); e Labov (2008).

Para a organização das atividades e seleção dos itens lexicais que compuseram o *software* educativo, além de atividades complementares, foram consultados e utilizados diversos atlas

linguísticos. A autora observou, durante a aplicação dessas atividades, semelhanças lexicais entre o que os atlas apresentam e o que os educandos das classes hospitalares utilizam em suas falas, como, por exemplo, “banguela, boca murcha, sovaco, aleijado, defeituoso, terçol etc,” (OLIVEIRA, 2016, p. 67).

Tendo o *software* educativo instalado em dispositivo móvel com sistema operacional Android¹, os sujeitos da pesquisa tiveram na primeira tela, a possibilidade de responder, obter ajuda ou sair. Ao optar por ajuda, o usuário do *software* acessava a um breve tutorial. Na figura 4, é possível verificar as telas 1 e 2 do *software*.

Figura 4: Tutorial informativo do AVL



Fonte: OLIVEIRA, 2016, p.66

¹ Foi escolhido esse tipo de dispositivo após ser verificado que esse equipamento estava disponível para as aulas em classe hospitalar. Tratava-se, também, de modelos de celulares pertencentes aos sujeitos da pesquisa.

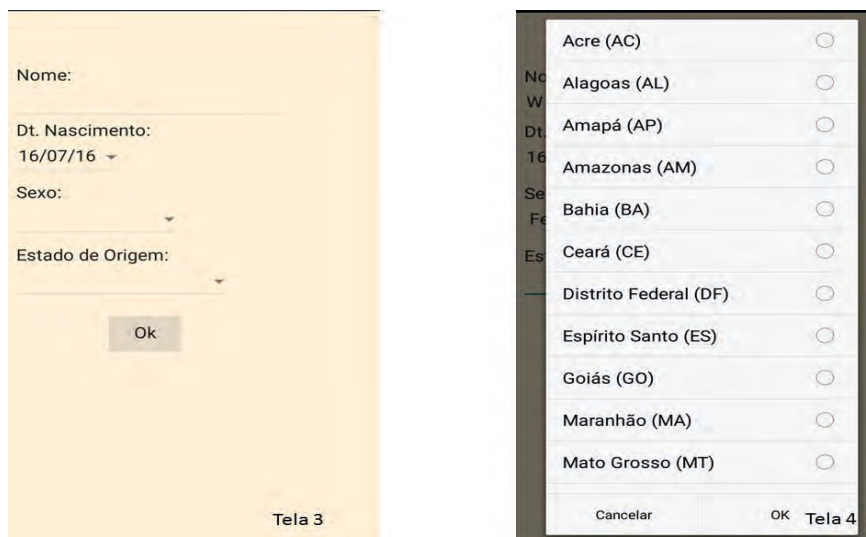
Esse tutorial, além da apresentação do próprio *software* educativo, orientava e esclarecia sobre como as atividades seriam desenvolvidas e como o usuário deveriam proceder.

Após terem contato com o tutorial, os sujeitos tinham opção de voltar à tela inicial e, então, podiam, mais uma vez, selecionar a opção entre “Responder”, “Ajuda” ou “Sair”. Ao selecionar “Responder”, os sujeitos eram direcionados a um formulário para preencher alguns dados pessoais. Esses dados pessoais resumiam-se em: nome; data de nascimento; sexo; e estado de origem.

Esses questionamentos foram inseridos no *software* educativo para que fosse possível verificar, posteriormente, se as variáveis idade, gênero e local de origem ocasionavam diferenças relevantes nos resultados da pesquisa.

A cada questão após o nome, abria-se uma aba com opções, como pode ser observado para a questão estado de origem na figura 5.

Figura 5: Dados pessoais do participante da pesquisa

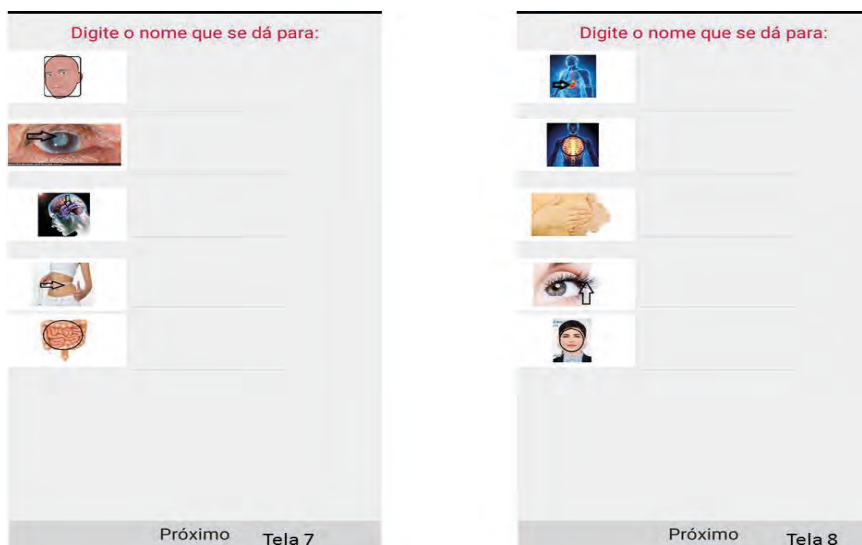


Fonte: OLIVEIRA, 2016, p.66

Após informar seus dados por meio do *software* educativo, os sujeitos da pesquisa iniciavam atividades como as que são ilustradas a seguir:

A figura 6, propôs uma atividade em que os sujeitos, espontaneamente, preenchiam as lacunas com os nomes correspondentes a cada imagem presentes em algumas telas.

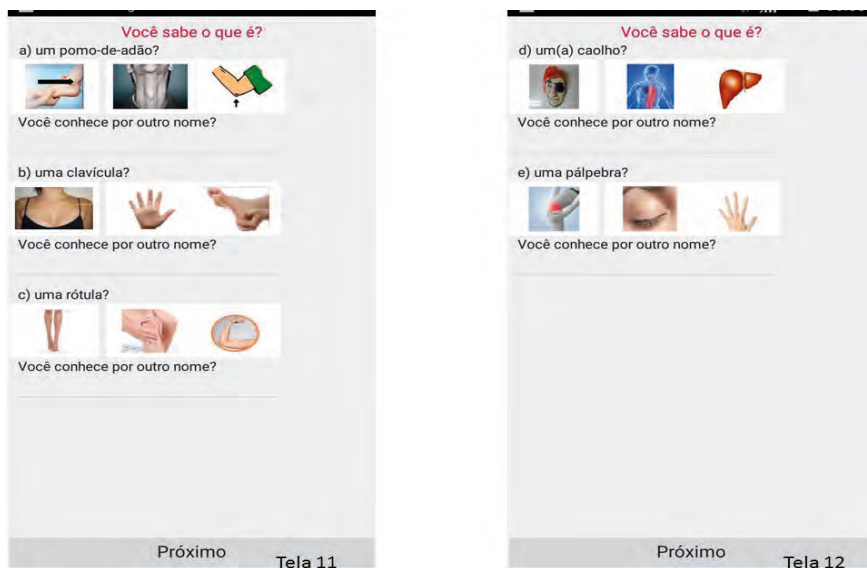
Figura 6: Itens lexicais referentes a partes do corpo humano



Fonte: OLIVEIRA, 2016, p.67

Já na figura 7, pode-se observar que os sujeitos selecionavam as imagens correspondentes ao conceito apresentado.

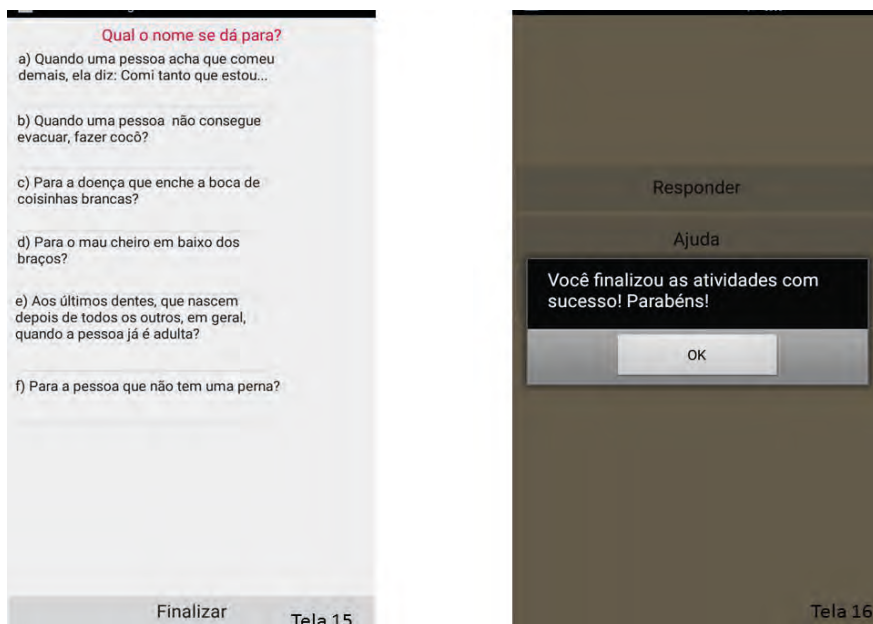
Figura 7: Itens lexicais referentes a partes do corpo humano



Fonte: OLIVEIRA, 2016, p.68

A figura 8 apresenta uma atividade do *software* educativo em que o usuário não encontrava imagens, mas questões para as quais os sujeitos deveriam responder com os nomes que conheciam para cada conceito.

Figura 8: Respondendo a perguntas



Fonte: OLIVEIRA, 2016, p.69

Com as repostas obtidas pelo *software* educativo, a pesquisadora constituiu um *corpus* e fez uma análise quantiqualitativa dos itens lexicais utilizados pelos sujeitos da pesquisa.

Segundo Oliveira (2016, p. 91)

Os educandos conseguiram perceber semelhanças e diferenças no uso dos itens lexicais em seu grupo ou comunidade e estabelecer comparações com as regiões representadas nos atlas linguísticos, selecionados para a pesquisa. Também perceberam a importância de valorizarmos as variedades utilizadas por eles e nas diversas regiões do país, além de ampliarem seus conhecimentos sobre variação linguística e sobre as variedades lexicais estudadas.

Cabe ressaltar que, segundo a autora, o trabalho foi importante para que os alunos (des)construíssem seus posicionamentos no que tange à visão de erro, tão enraizada na sociedade. Além disso, para Oliveira (2016, p. 92) “[...] o reconhecimento e estudo das variações são fundamentais no processo educacional, tanto do ponto da construção da singularidade dos sujeitos quanto da construção de sua identidade e o seu pertencimento ao grupo ou comunidade”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto, principalmente no que se refere ao desenvolvimento dos trabalhos do mestrado profissional, trouxe ganhos importantes. Além de contribuir com os estudos linguísticos, cumpriu o principal objetivo, qual seja: propiciar condições ao desenvolvimento de propostas relacionadas ao estudo e ao ensino de língua, em especial de Língua Portuguesa.

Dessa forma, o projeto “Variação lexical e o ensino de Língua Portuguesa: estudos com vistas à contribuição para a prática docente” contribuiu com as escolas nas quais as pesquisas foram desenvolvidas, quer por meio da difusão de conhecimento, quer pela oferta de produtos que foram desenvolvidos e disponibilizados com os projetos de mestrado, tais como: cadernos de pedagógicos; sequências didáticas; e-books; blogs, programa (software/aplicativo) didático, entre outros.

Assim, além de propiciar condições para que se reforce a ideia de que a língua, apesar de possuir uma unidade sistêmica, é um instrumento social de comunicação diversificado, com várias normas de uso, o projeto pôde oferecer aos pesquisadores, aos estudiosos de áreas afins e, especialmente, aos professores da Educação Básica, ferramentas para interpretar o caráter multidialetal da língua, bem como ter referência e incentivo para aprimoramento da prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ALBERTONI, Léa C. *A inclusão escolar de alunos com doenças crônicas: professores e gestores dizem que...* Curitiba: Appris, 2014.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário. S. (org.). *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Língua e discurso: contribuições aos estudos semânticos-sintáticos*. São Paulo: Global, 1978.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2., ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICO, 1. 1990. Brasília. *Anais...* Brasília: IBICT/CNPq, 1990.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia e terminologia: questões conexas. Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1. 1997, Rio de Janeiro, *Anais...* Rio de Janeiro, 1997, p. 19-40.
- BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 out. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2019.

CAIXÊTA, Marcia Christina S. O. *Variação diatópica de aspecto semântico-lexical e ensino de língua portuguesa*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras - Profletras, Instituto de Letras e Linguística, Universidade de Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

CAIXÊTA, Marcia Christina S. O.; CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Varição semântico-lexical de caráter diatópico: uma proposta de intervenção pedagógica*. In: OTTONI, Maria Aparecida R.; CRISTIANINI, Adriana Cristina; DIAS, Eliana; ALVES, Marlúcia M. (org.). *Propostas didáticas para o ensino de Língua Portuguesa*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018, v. 1, p. 17-39.

CANÇADO, Marcia. *Semântica Lexical: uma entrevista com Márcia Cançado*. In: *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 11, n. 20, 2013. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 02 mar. 2014.

COSERIU, Eugene. *Sistema, norma e fala*. In: COSERIU, Eugene. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSERIU, Eugene. *Sentido y tareas de la dialectologia*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSERIU, Eugene. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença. 1987.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC*. 2007. v 3. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Linguística, Universidade São Paulo, São Paulo, 2007.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Varição lexical e o ensino de Língua Portuguesa: estudos com vistas à contribuição para a prática docente*. Projeto de pesquisa. Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras - Profletras, Instituto de Letras e Linguística, Universidade de Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. Geolinguística e sua contribuição para o ensino-aprendizagem do aspecto semântico-lexical da língua portuguesa. In: CRISTIANINI, Adriana C.; OTTONI, Maria Aparecida R. (org.). *Estudos linguísticos: teoria, prática e ensino*. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016, v. 1, p. 145-160.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

FERNANDES, Edicléa M. Pedagogia Hospitalar. In: ORRICO, Helio; ISSA, Renata M. (org.). *Pedagogia hospitalar: princípios, políticas e práticas de uma educação para todos*. Curitiba: CRV, 2014.

HOLANDA, Sergio B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MARIANI, Bethania. *Políticas de colonização linguística*. Letras, Santa Maria, RS, n.27, p. 73-82, 2003. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/view/11900/7322>. Acesso em: 10 mar. 2020.

OLIVEIRA, Wânia E. V. de. *Proposta de ensino de variação diatópica em aulas de Língua Portuguesa para classe hospitalar*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras - Profletras, Instituto de Letras e Linguística, Universidade de Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 9. ed. São Paulo: Editora da USP, 2003.

ZÁGARI, Mário Roberto L.; RIBEIRO, José; PASSINI, José; GAIO, Antônio. *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. v. 1.



OS AUTORES

Abdelhak Razky é Professor Titular da UnB. Possui Doutorado em Linguística pelo Université de Toulouse Le Mirail, França, Pós doutorado na Univ. de Toulouse Le-Mirail e na Univ. de Paris 13.

Adriana Cristina Cristianini. é docente da Univ. Fed. de Uberlândia., Doutora pela USP e Pós-doutora pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Lisboa.

Clézio Roberto Gonçalves é docente na Universidade Federal de Ouro Preto. Possui doutorado em Linguística pela USP, e pós-doutorado em Língua e Cultura pela UFBA.

Diego Coimbra dos Santos é docente externo pela UFPA e Diretor Acadêmico-Pedagógico no Projeto do Governo do Estado “Forma Pará” pela SECTET. Mestre em Linguística pela UFPA.

Eduardo Nakama é graduado em Engenharia Eletrônica pelo ITA e em Letras-Japonês pela UnB. É servidor público do Ministério da Economia.

Geanne Alves de Abreu Morato é professora de Língua Japonesa e supervisora pedagógica do CIL de Sobradinho. É mestranda em Linguística Aplicada na UnB.

Hélder Gomes Rodrigues é professor de Língua Espanhola e atualmente é diretor do CIL Sobradinho. É mestre em Linguística Aplicada pela UnB.

Irenilde Pereira dos Santos é docente do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Livre-Docente em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Josane Moreira De Oliveira é docente da Universidade Estadual de Feira de Santana. É Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ e pós-doutora em Língua e Cultura pela UFBA.

Kazue Saito M. Barros é Professora titular da UFPE, atua na Pós-graduação em Letras e Linguística. É PhD em Language and Linguistics pela University Essex, UK.

Kyoko Sekino é professora do curso de Letras Japonês do Instituto de Letras da UnB. É doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, especializando-se no Estudo da Tradução.

Marcus Tanaka de Lira é professor adjunto do curso de Letras-Japonês da UnB. É Doutor em Linguística pela UnB.

Ricardo Rios Barreto Filho é professor adjunto do Departamento de Letras da UFPE, na área de Ensino da Língua Inglesa. Possui doutorado em Linguística pela UFPE.

Selma Sueli Santos Guimarães é professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico da Escola de Educação Básica da UFU. É doutora em Linguística pela USP.

Yuki Mukai é Professor Associado do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da UnB. É Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

O diálogo pode ser caracterizado como uma atividade humana que tem sua origem na interação humana nos vários grupos sociais que compõem a sociedade. Nesse sentido, é no espaço que, por meio da linguagem, brotam, circulam e se disseminam ideias.

O Diálogo Linguístico: Ocidente e Oriente é um livro que reúne textos escritos por pesquisadores que atuam também no ensino, do fundamental até o nível superior. Os capítulos reunidos são frutos de pesquisas aprofundadas sobre diversos aspectos de nossa língua (ocidente) e da língua japonesa (oriental).

O livro demonstra que as áreas de conhecimentos empíricos e teóricos sobre a linguagem podem se entrelaçar e ampliar os estudos com múltiplos olhares. Os novos consensos surgem, quando as “vozes”, em português e em japonês, orientam e direcionam na busca de novos paradigmas, construindo o saber e o fazer científicos.

A Comissão Organizadora agradece a todos os autores que nos confiaram os seus textos para a publicação.

Agradecemos ao Instituto de Letras e ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução pelo apoio e financiamento dessa obra no ano em que a presença da Língua Japonesa na UnB comemora quarenta anos. São quatro décadas de estudos profícuos sobre a língua japonesa os quais foram iniciados e sempre incentivados pela Profa. Dra. Alice Tamie Joko, posteriormente fundadora do curso de Licenciatura em Letras-Japonês, no ano de 1997.

ISBN 978-65-5846-143-2



9 786558 461432



Obra financiada pelo departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LETJ), do Instituto de Letras, por meio do edital IL/EDU 1º/2021.